

Doc. 28/8/95
JOB
Data 28/8/95 p. 1
Class. 421



Jobim foi à festa do Quarup na aldeia Kamaiurá, no Xingu, e acendeu na fogueira cigarro oferecido por cacique. (Pág. 4)

JB
28/8/95 Pg 4
421

Queixas e promessas no Quarup

■ No Xingu, Jobim diz que invasores sairão de reservas

JANETE SAUD

PARQUE DO XINGU, MT — O ministro da Justiça, Nélson Jobim, passou o fim de semana na aldeia Kamaiurá, no Parque do Xingu, para participar do Quarup, uma das mais importantes festas indígenas, realizada uma vez por ano, quando os índios relembram seus mortos. Aproveitando a presença do ministro, representantes de seis tribos da região reivindicaram uma política de demarcação e preservação das terras indígenas.

Os caciques pediram providências do governo contra as invasões de madeireiros, garimpeiros e fazendeiros no parque. Segundo o administrador do parque, o índio Ianaculá, um dos pontos mais críticos fica na tribo Suiá, onde o Rio Suiá-Miçu foi completamente poluído pela Agropecuária Jaú. “Os suiás têm que se deslocar para outras regiões atrás de água potável”, disse ele.

Após ouvir as reivindicações, Jobim afirmou que já estão sendo tomadas providências para controlar os invasores. “Nós pedimos aos três postos da Funai, na parte sul do parque, que elaborem um relatório detalhado sobre a situação, enquanto o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) nos fará um rastreamento por satélite. Vamos ainda estudar uma ação conjunta entre o governo do Mato Grosso, Funai (Fundação Nacional do Índio), Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) e Polícia Federal para fazer ações exemplares, visando expulsar esses invasores”, afirmou.

Quanto à demarcação de terras, Jobim afirmou ser fundamental a revogação do Decreto 22, do governo Collor, para assegurar o direito de defesa dos proprietários de terras nas ações de desapropriação. “O direito de defesa é constitucional. O contraditório assegurará a aceleração das demarcações e vai diminuir o número de processos na Justiça”, disse.



Parque do Xingu, MT — Jamil Bittar

Jobim visitou aldeias no Parque do Xingu e participou do Quarup, a mais importante festa indígena.

■ Ministro troca o cachimbo pelo cigarro do cacique

PARQUE DO XINGU, MT — Por alguns momentos, durante o Quarup, o ministro da Justiça, Nélson Jobim, abandonou seu inseparável cachimbo para fumar o *petum*, cigarro do anfitrião, o cacique Tacumã, que, segundo um integrante da comitiva do ministro, “dá um baratinho”. Esse é apenas um exemplo do intercâmbio cultural entre índios e brancos na região do Alto Xingu, onde além dos kamaiurás, vivem outras tribos, como os iaualapitis, calapalos, cuicuros e uaurás.

No lado indígena, a influência

dos brancos pode ser vista a todo instante. Apesar de manterem o hábito de não usarem roupas, os índios não largam suas sandálias havaianas e os relógios de pulso. Para surpresa do cacique Tacumã, a cultura branca esteve presente até mesmo no uka-uka, luta símbolo da cultura do Xingu, quando um lutador entrou na arena vestido. “S... ele lutar de calção”, disse Tucumã para Jobim.

Por 24 horas, Jobim experimentou a vida na selva. Contemplou o pôr-do-sol às margens da Lagoa Ipavu e dormiu em uma maloca, reservada para convidados e funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai). Para o ministro, foi improvisado um banheiro primitivo no mato, com

fossa e paredes de plástico preto. Jobim dormiu e acordou com a mesma roupa — calça *jeans* e camisa xadrez branca e azul. E se recusou a tomar banho de rio.

Na aldeia, vive a enfermeira Rosana Vilela Borges, de 28 anos, namorada de um dos filhos do cacique Aritana, da tribo iaualapiti. “Nunca fomos discriminados”, conta a enfermeira.

Há dois anos, Rosana trocou Uberlândia (MG) pelo Xingu, para trabalhar com os índios. E acabou se apaixonando pela vida na aldeia. “Quando vou para a cidade me sinto muito mal”, disse. Rosana está se especializando em medicação natural utilizada pelos pajés da região.